

RASTREANDO RIOBALDO

Ensaio classificado em 3º lugar no concurso promovido pela Associação Profissional dos Docentes da Universidade Federal de Minas Gerais - APUBH - sobre o livro "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa

Viver é um descuido prosseguido. (GSV:56)*

Aquele "grande-sertão-veredas" ainda existe? Certamente que sim, mas só se soubermos procurá-lo, se estivermos atentos a cada olho d'água camuflado, a cada pequizeiro florido e, também, a cada gemido da mãe-da-lua. Existe no testemunho empedernido da Serra do Espinhaço, na eloquência das planícies sem-fim dos Gerais e no silêncio dos rios do sertão mineiro. E são tantos: o das Velhas, o Jequitáí, o Urucuia, o Paracatu, o Carinhanha, e muitos outros, todos se entregando ao Velho Chico.

Riobaldo, dito Tatarana, ou Urutú-Branco, foi um viajante de mil léguas, em idas e vindas geográficas e íntimas. Em cima de uma montaria, cavalgou grande parte do norte de Minas Gerais, com incursões pela Bahia e Goiás. Ao mesmo tempo, percorreu as trilhas sinuosas da sua mente inquieta, farejando como um cão cada pensamento e perseguindo-o tenazmente.

João Guimarães Rosa escreveu sua obra-prima Grande Sertão: Veredas no início da década de 1950 e a publicou

em 1956. Logo após, confidenciou a um amigo, em uma carta, que acabara de passar (...) dois anos num túnel, um subterrâneo, só escrevendo, só escrevendo eternamente (...) uma verdadeira experiência trans-psíquica, estranha, sei lá, eu me sentia um espírito sem corpo, pairante, levitando, desencarnado – só lucidez e angústia.

Uma antiga controvérsia sobre o grande sertão e as veredas, a qual, como o livro, também completa cinco décadas, é se Rosa teria criado um trajeto fictício para os jagunços, inventando acidentes geográficos e nomes, ou se se baseara em dados concretos. Na realidade, essa polêmica já poderia ser dada como encerrada, após as publicações de Alan Viggiano, em 1974, Marcelo Toledo, em 1982, e Willi Bolle, em 2004, que estudaram o percurso e identificaram praticamente todo o itinerário. Mesmo dando maior valor aos aspectos simbólicos e ficcionais do livro, Guimarães Rosa chegou à beira da obsessão com a geografia e seu relato coincide minuciosamente com o que existe no imenso território do sertão mineiro. São poucas as localidades citadas cuja existência saiu apenas da imaginação do autor, sem uma correspondência real. Nesse cuidado, sem

1- Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais e Diretor de Publicações do Projeto Manuelzão da UFMG

* Grande Sertão: Veredas, 8.ed., 1972, e o número da página citada.

dúvida alguma, Rosa deixou um recado semi-encoberto, destinado àqueles com vocação para o captar.

Para complicar a tarefa dos estudiosos da vertente geográfica da obra, o autor não seguiu na narrativa a seqüência cronológica dos fatos, alternando histórias antigas com outras mais recentes. No seu longo monólogo, sem pausas, Riobaldo, que no livro caminhava reflexivamente para a velhice e devia ter então cerca de 60 anos, torna-se um autêntico filósofo. No seu relato, digladiam-se todas as nobres atitudes e as misérias do ser humano; trava-se a permanente luta do bem contra o mal, do amor e do ódio, das certezas e das incertezas, da vida e da morte, e de Deus e do Diabo, ambos respeitadamente tratados.

Mas, entremeando a obra do início ao fim, existe o escritor preocupado em descrever o sertão pelas suas múltiplas faces, inclusive a topográfica. O mais interessante é que Rosa nunca viajou por toda a região que parecia conhecer como a palma da mão, pois se baseava, além de relatos de amigos com os quais correspondia, em pormenorizados mapas oficiais, que obtinha por meio do Ministério das Relações Exteriores, onde trabalhava. Após passar seus nove primeiros anos de vida em sua cidade natal, Cordisburgo, voltou poucas vezes ao sertão, sendo que em uma delas cavalejou por onze dias na “culatra” de uma boiada na região dos Gerais, entre os barrancos do Rio São Francisco e Araçai, próximo a Cordisburgo. Nessa viagem, realizada em 1952, preencheu dezenas de cadernos de notas - mantinha sempre um pendurado ao pescoço -, que serviram posteriormente como auxílio para escrever as mais de 700 páginas dos originais da saga de Riobaldo. Os preciosos cadernos são hoje propriedade da Universidade de São Paulo, o que provoca um indisfarçável despeito nos mineiros.

Mestre e aprendiz de Zé Bebelo – conhecendo o sertão

(...) passarinho que se debruça – o vôo já está pronto!

A história transcorre quase toda na bacia do Rio São Francisco. Rosa propositalmente não informou datas, mas Riobaldo nasceu por volta do ano de 1890 e passou a infância em uma fazenda na região central de Minas Gerais, nos arredores de Corinto, cidade referida no texto pelo antigo nome de Curalinho. Foi criado apenas pela mãe, de nome Bigrí, sempre de saudosa lembrança para ele, pois morreu durante sua adolescência. Seu pai, ficou sabendo somente depois, era Selorico Mendes, fazendeiro, seu protetor, a quem o menino chamava de padrinho: Meu padrinho Selorico Mendes me deixava viver na lordeza.

Quando foi pagar promessa, por ter se curado de uma doença, pedindo esmolas nas margens do Rio São Francisco, próximo à barra do “de-Janeiro”, pequeno rio que guarda ainda o mesmo nome, encontrou Diadorim, que regulava com sua idade: (...) eu devia de estar com uns quatorze anos, se. Diadorim disse-lhe que estava acompanhado do tio, que morava em um lugar chamado Os-

Porcos, onde não tinha nascido. Convidou o novo amigo para uma temerária travessia de canoa no São Francisco, quando já demonstrou sua grande coragem. Respondeu, ao ser perguntado por um apavorado Riobaldo se estava com medo: Costumo não (...) Meu pai disse que não se deve ter (...) Meu pai é o homem mais valente deste mundo. Separaram-se em seguida, sem sequer se identificarem pelos nomes, para só se reencontrarem alguns anos depois.

Hoje, a barra do Rio de Janeiro com o Velho Chico, na divisa dos municípios de Três Marias e Lassance, ainda guarda muitas das características descritas com minúcia por Guimarães Rosa, que de fato esteve no local, pois foi o ponto de partida da cavalgada de 1952: No porto do Rio-de-Janeiro, nosso, o senhor viu (...) Porto, lá como quem diz, porque outro nome não há. Assim sendo, verdade, que se chama, no sertão: é uma beira de barranco, com uma venda, uma casa, um curral e um paiol de depósito. Atualmente está tudo semi-abandonado, mas existe a casa, bem sólida, a venda de duas portas, fechada e com mato crescendo em volta, o decrépito curral e o paiol. No barranco do rio ainda o mesmo pau d’óleo, com parte das raízes expostas, onde ainda se amarram algumas canoas, árvore que chamou a atenção de Rosa, que a citou. Movimento nenhum, não se vê viv’alma; é agora um porto quase morto. A travessia do São Francisco se dá 40 quilômetros rio acima, em uma extensa ponte de concreto na estrada de Belo Horizonte a Brasília. Só reconheceremos a região de tempos passados se atentarmos para os detalhes, já que, além do asfalto, existe hoje a grande barragem de Três Marias, a cidade de mesmo nome, com 20 mil habitantes, usinas e poluição. E o Velho Chico atravessa tudo, verde, profundo, belo, mas talvez sonhando com outros tempos, quando era mais poderoso.

Riobaldo passou parte da juventude em Curalinho, aprendendo com Mestre Lucas as letras e a tabuada. Por aquela época, a estrada para o trem de ferro estava por chegar a Corinto, o que ocorreu em 1906, fato que é referido sumariamente no livro. De um povoado de poucas casas nessa época, Corinto passou para os 25 mil habitantes que tem hoje. Por estar situada no centro geográfico de Minas Gerais foi o local escolhido para que a ferrovia se trifurcasse: um ramal para Pirapora, que no futuro deveria chegar até Belém do Pará, o que jamais ocorreu; um ramal para Diamantina, que deveria chegar até o porto de Vitória, no Espírito Santo, também outro sonho abortado; e um ramal para Salvador, que é o único ainda existente, porém apenas para transporte de carga. Com a trágica decadência da ferrovia, Corinto passou a ser apenas um entroncamento rodoviário.

Ainda muito jovem, Riobaldo foi recomendado para o emprego de professor em uma fazenda nas margens do Rio Jequitai, a trinta léguas de Corinto, beirando a Serra do Cabral. Ao chegar, descobriu que seu aluno seria José Rebêlo Adro Antunes, o famoso Zé Bebelo, que organizava uma tropa de soldados para combater jagunços em todo o norte de Minas. A figura de Zé Bebelo, com sua constante

agitação e energia, tem grande força em todo o livro e foi sempre motivo de admiração por parte de Riobaldo: Sem menos, se entusiasmava com qual-me-quer, o que houvesse: choveu, louvava a chuva; trapo de minuto depois, prezava o sol. Com pouco tempo, Zé Bebelo já tinha aprendido o suficiente e se dispunha a movimentar sua tropa, pronto para colocar, definitivamente, ordem no sertão. Talvez seja em sua homenagem a frase de Rosa Riobaldo: Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.

Partindo do Rio Jequitai, deixando a Serra do Cabral para trás, a tropa seguiu pela margem direita do São Francisco, sempre no sentido rio abaixo. Alguns combates aconteceram, mas o primeiro a ser presenciado por Riobaldo se deu entre Lontra e Condado. A distância entre o ponto de partida e essa região é de aproximadamente 200 quilômetros.

Nos dias de hoje chega-se a Lontra por asfalto, pois fica na estrada que liga Montes Claros a Januária. A cidadezinha é atualmente um município de nove mil habitantes, cortada ao meio pela rodovia, as casas pobres, mal acabadas, mas com algumas ruas laterais largas e bem arborizadas.

Condado, que tem hoje o nome de Condado do Norte, é ligada ao asfalto por uma estrada de terra. É distrito de São João da Ponte e lá vivem, na seca entre muita poeira e nas águas entre muita lama, três mil almas.

A região é plana e o Cerrado domina a paisagem, com suas árvores tortuosas e espaçadas. Muitas são as frutas comestíveis encontradas ao léu, como o pequi, a cagaita, o araticum, o jatobá e o baru, cuja semente, quando torrada, é deliciosa. Mas, infelizmente, o desmatamento ilegal do Cerrado ainda é muito ativo nos nossos dias, restando ao final somente pastos, geralmente desertos de reses, já que formados por um capim ralo e que fica mais ralo a cada ano, devido ao fogo provocado intencionalmente.

O próprio Guimarães Rosa criou duas orelhas para o livro, com rios, serras e trilhas, também repletas de simbologia, que estão presentes em quase todas as edições. Lamentavelmente, algumas edições, e principalmente as últimas, eliminaram as orelhas, o que representou, sem dúvida, uma mutilação do original. O desenho foi criado pelo consagrado artista Poty, seguindo rigorosamente as informações de Rosa. A primeira orelha mostra a região da margem esquerda do Rio São Francisco, e a segunda, a margem direita, simbolizando que o Velho Chico partiu ao meio a vida de Riobaldo. Na segunda orelha, que tem seqüência com a primeira ao se fazer um esquadro em "L" invertido, têm destaque Lontra e Condado, e espingardas cruzadas indicam o local do referido combate.

Mas Riobaldo estava infeliz como professor e secretário de Zé Bebelo e, mesmo não compactuando com as perversidades que freqüentemente faziam os jagunços, não se sentia confortável na companhia dos soldados, que também

agiam de forma semelhante. Resolveu abandonar Zé Bebelo e sozinho tomou o rumo do sul, com a intenção de retornar a Curalinho.

O jagunço Tatarana – conhecendo a guerra

(...) sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal (...)

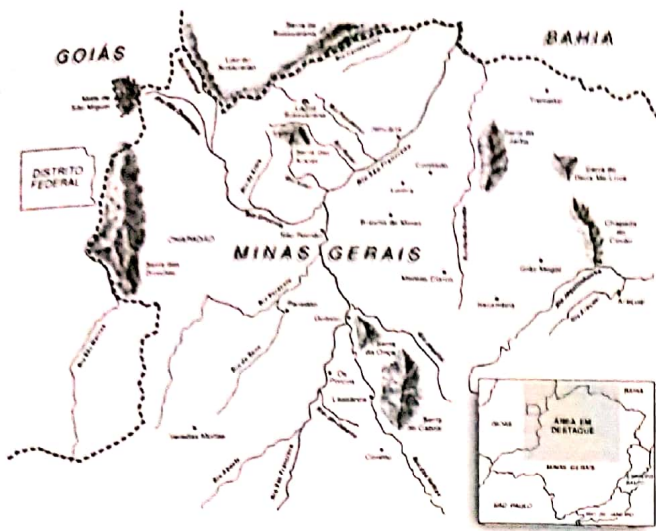
Um encontro casual com um grupo de jagunços, dentre os quais reconheceu o menino da canoa, torceu para sempre o rumo da vida de Riobaldo. Guimarães Rosa deu ao local o sugestivo nome de Córrego Batistério. Assim é o local o relato: Meu cavalo era bom, eu tinha dinheiro na algibeira, eu estava bem armado. Virei, vagaroso. Meu rumo mesmo era o do mais incerto. Viajei, vim, acho que eu não tinha vontade de chegar em nenhuma parte. Com vinte dias de remanchar, e sem as trapalhadas maiores, foi que me encostei para o Rio das Velhas, à vista da barra do Córrego Batistério.

A localização exata desse córrego é motivo de uma polêmica que também se arrasta há décadas. Segundo Alan Viggiano, na nota preliminar do seu livro, fica no município de Várzea da Palma, próximo ao centro urbano. Na época em que transcorre o relato ainda não existia a cidade, que nasceu com a construção da ferrovia. Se conferirmos no local, o que se vê hoje é um esgoto a céu aberto, proveniente de milhares de habitantes, e muita fumaça por todo lado, devido às indústrias implantadas nos últimos 30 anos na cidade, muito pouco cuidadosas com o meio ambiente.

Outra possibilidade é de que seja próximo a Lassance, 40 quilômetros rio acima. Nas expedições realizadas para essa pesquisa não se obteve sucesso nesta busca. Foi em vão qualquer tentativa de localizar o Córrego Batistério, mesmo após inquirir moradores, estudar reiteradamente os mapas e enfrentar trilhas fechadas de espinhos. Quem sabe, por um capricho rosiano, o nome foi escolhido unicamente para significar que Riobaldo recebeu ali seu batismo na jagunçagem.

Nesse reencontro, Diadorim se identificou como o jagunço Reinaldo e imediatamente retomaram a amizade. Estavam a caminho do norte, levando munição para o chefe do bando, Joca Ramiro, e Riobaldo decidiu segui-los. Não escondeu que tinha estado acompanhando o grupo de Zé Bebelo, mas que resolvera deixá-lo, por livre e espontânea vontade.

Entrou então para a jagunçagem, na qual permaneceria por cerca de dez anos, e perambulou por toda uma vasta região. No livro são citados cerca de 230 nomes de cidades, povoados, rios, córregos, chapadas e serras por onde passou Riobaldo, sendo que a grande maioria pode ser perfeitamente identificada. Os mais importantes da narrativa estão assinalados no mapa abaixo.



Atravessaram então o Rio das Velhas e se dirigiram à Serra da Onça, situada duas léguas ao norte, hoje município de Lagoa dos Patos. Transpuseram o Rio Jequitai e os Córregos do Mocambo, Canabrava e da Barra, agora chamado de Riacho do Barro, todos na margem direita do São Francisco e nem sempre perenes.

Os jagunços evitavam as grandes cidades, onde poderiam se dar mal. Enquanto hoje algumas estradas asfaltadas, além de inúmeras de terra batida, cortam o itinerário em vários pontos, na época havia apenas trilhas de animais.

Após vários dias de marcha, pelo lado da mão direita avistaram a Serra da Jaíba, que acompanha o Rio Verde Grande. Atualmente o local abriga o Parque Estadual da Jaíba, com dois mil hectares, situado no município de Matias Cardoso. Riobaldo citou ainda o Poço Triste, um rio que deságua no Verde Pequeno, afluente do Verde Grande, já na divisa de Minas com a Bahia. Em seguida, retornaram em direção ao sul.

Foram muitas as batalhas contra os soldados comandados por Zé Bebelo e, num lance de sorte para os “ramiros”, o líder adversário foi capturado. Com todos reunidos para um tenso e solene julgamento, descrito em páginas de rara beleza. Zé Bebelo foi poupado, exceção à regra jagunça de resolver rapidamente, na faca ou no tiro, as questões. Corajosamente, Riobaldo o defendeu, perante todos. Zé Bebelo escapou da morte, mas foi condenado a partir sozinho para Goiás e não retornar enquanto Joca Ramiro vivesse, ou então mandasse contra-ordem.

O grande grupo de jagunços se separou, e Riobaldo, junto com Diadorim, seguiu para o sul, com uma pequena patrulha. Guimarães Rosa foi novamente preciso: Mas, nesse dia mesmo, em nossos cavalos tão bons, dobramos nove léguas. As nove. Com mais dez, até à Lagoa do Amargoso. E sete, para chegar numa cachoeira no Gorutuba. E dez, arranchando entre Quem-Quem e Solidão; e muitas idas marchas: sertão sempre.

É possível identificar bem esse trajeto: a Lagoa do Amargoso, agora quase seca na maior parte do ano, fica ao sul da

cidade da Jaíba, na margem direita do Rio Verde Grande. A cachoeira do Rio Gorutuba é atualmente a barragem da represa Bico de Pedra, em Janaúba, cidade de 60 mil habitantes, que não existia no início do século passado, pois surgiu também em função da ferrovia. Quem-Quem é um árido distrito de Janaúba, à margem da estrada de ferro, e Solidão quase desapareceu, sendo agora apenas um povoado de meia dúzia de casas, perdido na imensa planície da várzea do Rio Verde Grande.

Um dos eixos da narrativa é o ambiente natural em que vivem os personagens e nele se destacam as veredas. Vereda significa caminho, no sentido corrente do termo. Rosa aproveitou, entretanto, um outro sentido da palavra, conforme explicou em correspondência ao seu tradutor italiano, que reclamava não estar captando com exatidão a mensagem inserida no termo: (...) entre as chapadas, separando-as (ou, às vezes mesmo no alto, em depressões no meio das chapadas) há as veredas (...) onde aflora a água absorvida. Nas veredas há sempre o buriti. De longe a gente avista os buritis e já sabe: lá se encontra água. A vereda é um oásis.

O enfileiramento dos buritis ao longo do curso de água explica-se pela função desta em propiciar o apodrecimento da casca dos cocos e permitir sua brotação. De novo, citando Rosa: (...) o buriti é das margens, ele cai seus cocos na vereda – as águas levam – em beiras, o coquinho as águas mesmas replantam; daí o buritizal, de um lado e do outro se alinhando, acompanhando, que nem que por um cálculo (...)

Riobaldo aprendeu com Reinaldo a ver o mundo de forma diferente, de ângulos que até então ele nem suspeitava: Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros, em seu começar e descomeçar dos vãos e pausação. Aquilo era para se pegar a espingarda e caçar. Mas o Reinaldo gostava: _ “É formoso próprio...” (...) – e tudo num homem-d’armas, brabo bem jagunço – eu não entendia!

O jeito novo de olhar as coisas ficou para sempre em Riobaldo, que muitos anos depois relatou ao seu interlocutor, na realidade o próprio Rosa, protagonista de si próprio no livro: Lhe mostrar os altos claros das Almas: rio despeinha de lá, num afã, espuma próspero, gruge; cada cachoeira, só tombos. O cio da tigre preta na Serra do Tatú – já ouviu o senhor gargaragem de onça? A garôa rebrilhante da dos-Confins, madrugada quando o céu embranquece – neblim que chamam de xererém. Quem me ensinou a apreciar essas as belezas sem dono foi Diadorim...

Vingando Joca Ramiro – conhecendo o ódio

Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristojesus, arredado do arrôcho de autoridade.

O pequeno grupo de jagunços parou por uns dias em um lugar que teve grande significado no transcurso do livro: Guararavacã do Guaicuí. Trata-se do encontro dos rios São Francisco e Velhas, este último chamado antigamente pelos índios de Guaicuí. Uns dias de ócio fizeram a mente de Riobaldo trilhar vários caminhos. Em conflito íntimo, fez reflexões expressas em frases de grande poesia: Apertou em mim aquela tristeza, da pior de todas, que é a sem razão de motivo (...)

Repentinamente, a galope, chegou a notícia da morte de Joca Ramiro, executado à traição por Hermógenes, um dos sub-chefes. Organizou-se uma aliança entre grupos de jagunços para conseguir vingança e teve início a guerra contra os "hermógenes". Diadorim, transtornado, segredou a Riobaldo que Joca Ramiro era seu pai.

Seguiram-se tempos difíceis, de muitos imprevistos. Dirigiram-se para o Alto do Amoipira, perto de Grão Mogol, cidade histórica hoje com 15 mil habitantes, situada cerca de 300 quilômetros a leste do São Francisco. Está posicionada no alto da Serra do Espinhaço, a quase mil metros de altitude, no vale do Rio Jequitinhonha. Atualmente, toda a região mais acidentada pertence ao recém criado Parque Estadual de Grão Mogol, que tem 33 mil hectares, dominado pela vegetação rasteira típica dos campos rupestres.

O objetivo era se juntar a outros companheiros, mas foram perseguidos por batalhões de soldados. Tiveram que se refugiar em terras mais desertas, na divisa de Minas Gerais com a Bahia: Córrego da Malhada Grande, Mingú, Brejo dos Mártires... Em território baiano de fato existem na região a localidade de Malhada e o Córrego Malhada Grande. Mingú é um distrito de Espinosa, cidade mineira próxima à divisa e Brejo dos Mártires é distrito de Monte Azul, cidade que se chamava Tremedal, um pouco mais ao sul. Brejo dos Mártires aparece em destaque na parte superior da segunda orelha do livro. Hoje, essa região é cortada pela Estrada de Ferro Centro-Atlântica, antiga Central do Brasil, e por uma rodovia asfaltada que liga Minas à Bahia.

Descendo ainda mais para o sul, beirando a margem direita do Rio São Francisco, chegaram à barra do Urucuia, no município de São Romão, com o intuito de atravessar o Velho Chico e se unirem ao bando de Medeiro Vaz, "o rei dos Gerais", que também se empenhava em vingar Joca Ramiro. O Rio Urucuia tem destaque em toda a obra, desde o desenho da primeira orelha do livro, toda ocupada por sua bacia hidrográfica. O Urucuia vem dos montões oeste, já é referido na primeira página, logo no parágrafo inicial da fala de Riobaldo, que relatou ainda várias vezes que esse era o seu rio preferido.

Subindo o Urucuia, passaram pela Fazenda Santa Catarina, nos Buritis-Altos, de localização intencionalmente imprecisa, onde pararam por uns dias e Riobaldo conheceu Otacília, sua futura esposa. Surpreso, descobre a antipatia

mútua e imediata que brotou entre Otacília e Diadorim. Encontraram em seguida Medeiro Vaz e seus guerreiros, e o grupo percorreu a esmo o Chapadão do Urucuia.

Contornaram a Serra das Araras, com seus paredões avermelhados e com um extenso Cerrado no planalto, até barulhentos bandos de araras, reinando. A mais comum é a canindé, amarela e azul, que faz o ninho nos ocos das árvores. Existe também a vermelha, conhecida como arara procriam, os barrancos da encosta da serra, já foram muito atacados por caçadores de filhotes. Foi criado recentemente o Parque Estadual da Serra das Araras, com 11 mil hectares, situado no município de Chapada Gaúcha e ainda em implantação.

Aconselhado por Diadorim, Medeiro Vaz resolveu fazer uma temerária travessia pelo Liso do Sussuarão, para atacar de surpresa a fazenda do Hermógenes, situada no lado baiano. O problema era que teriam que atravessar um verdadeiro deserto por vários dias de marcha, já que (...) o Liso do Sussuarão não concedia passagem a gente viva, era o raso pior havente, era um escampo dos infernos.

Em seu excelente livro, Alan Viggiano comete um equívoco, situando o Liso em Minas Gerais, próximo ao atual município de Chapada Gaúcha. Marcelo Toledo, em dúvida, o posiciona vagamente, abrangendo a divisa de Minas e da Bahia. Willi Bolle, em detalhado estudo posterior, o coloca corretamente em território baiano, próximo à Serra da Sussuarana. Marco Aurélio Baggio reaviva a polêmica em sua recente e magistral publicação e o posiciona no município de Formoso, em Minas – outro erro! Talvez seja essa controvérsia mais um motivo para que alguns afirmem categoricamente, sem ter ido por lá, que o Liso não existe e que apenas foi inventado por Rosa. Ledo engano!

O Liso do Sussuarão, ainda hoje conhecido por poucos, tem na região o nome de Campina e fica na Bahia, em terras do município de Cocos, margem esquerda do Rio Carinhonha. No meio do extenso e despovoado Cerrado do sudoeste baiano, chamado pelos moradores de Gerais, surgem áreas planas nas quais crescem apenas capins ralos e poucos arbustos, a Campina. Ali a visão alcança 360 graus, sem sequer uma montanha a impedir a longínqua linha do horizonte. Em algumas partes, como uma caatinga típica, exagerada em extensão na descrição de Guimarães Rosa, a Campina tem a fisionomia de uma terra árida, quase nua, já que sem árvores e apenas com cactos esparsos. Nesses locais conseguem sobreviver somente pequenas plantas com caules suculentos, que são uma adaptação ao clima e servem para segurar a água, sendo que as folhas se transformaram em espinhos, também para não perder o precioso e escasso líquido.

O bando de Medeiro Vaz enfrentou o desafio, mas não conseguiu vencê-lo: E fogo começou a entrar, com o ar, nos

pobres peitos da gente. Retornaram a Minas, sedentos, famintos e derrotados. Acamparam por uns tempos próximo à Lagoa Sussuarana, que está localizada na região divisora de águas dos rios Carinhanha e Pandeiros, em terras do imenso município de Januária: E seguimos o corgo que tira da Lagoa Sussuarana, e que recebe o do Jenipapo e a Vereda-do-Vitorino, e que verte no Rio Pandeiros – êsse tem cachoeiras que cantam, e é d'água tão tinto, que papagaio voa por cima e gritam, sem acordo: - É verde! É azul! É verde! É verde!...

O Rio Pandeiros corre para o sudeste e, como de fato é bastante encachoeirado, tem sua vazão aproveitada para gerar energia elétrica desde a década de 1950, quando foram construídas uma barragem e uma usina. Outra característica bastante peculiar do Pandeiros é que ele forma um verdadeiro pantanal na sua parte mais baixa, antes de encontrar o Rio São Francisco. Transforma-se em um labirinto de vários quilômetros de riachos e charcos, envolvidos por uma vegetação aquática entrelaçada, a ponto de se perder a rota caso não se conte com um barqueiro experiente.

Por meses, os jagunços de Medeiro Vaz evitaram combates com os soldados, para guardar forças contra os verdadeiros inimigos, os “hermógenes”. Passaram os rios Pardo e Acari, ambos paralelos ao Pandeiros, também desaguando no São Francisco, mas perseguidos tomaram o rumo de Goiás. Riobaldo citou os rios Piratinga e São Domingos, que atravessam os municípios de Buritis, Formoso e Arinos, na extremidade noroeste de Minas Gerais, águas que correm para o Urucuia.

Nesse ponto da história se deu o grande giro de Riobaldo, acompanhado apenas pelo amigo Sesfrêdo, para tentar refazer o contato com outros grupos de “ramiros”, ficando por vários meses distante de Diadorim. Passaram novamente pelo Rio Acari, atravessaram seus afluentes Vieira e Fundo, ganharam a margem direita do São Francisco, com a intenção de chegar a Monte Azul. Cavalgaram pela Jaíba, região de montes baixos e de vegetação fechada, com a característica mata seca, pois as folhas caem no inverno. Por perto, a Serra Branca, rio e distrito do município de Porteirinha: (...) Serra Branca, brabas terras vazias do Rio Verde-Grande.

Mas os soldados não lhes davam paz. Com um grupo de companheiros localizados pelo caminho, enfrentaram combates em Cachoeira do Salto, margem do Verde Grande, e em Jacaré Grande, no lado leste da Serra da Jaíba, distrito de Janaúba e beira do Rio Gorutuba. Riobaldo citou ainda a Serra do Deus-Me-Livre, a Chapada do Covão e a do Sumidouro, que de fato existem, e mais longe o Córrego do Poldro, que divide os municípios de Salinas e Taiobeiras, a mais de duas centenas de quilômetros a leste do Rio São Francisco.

Retornaram lentamente, passando pela Serra Escura, próxima a Araçuaí, onde, para despistar os perseguidores,

trabalharam em uma mineração próxima à cidade. Por uns tempos, sem ser reconhecidos como jagunços, viajaram por cidades como Grão Mogol, Brejo das Almas, hoje Francisco Sá, e Brasília, hoje Brasília de Minas.

Finalmente voltaram para a margem esquerda do Velho Chico, quando ocorreu o novo reencontro com Diadorim: Amizade, Riobaldo, que eu imaginei em você êsse prazo inteiro...

Seguiu-se a morte de Medeiro Vaz, de doença, em Marcavão, também um dos poucos nomes fictícios de todo o roteiro, mas local situado seguramente próximo ao Rio do Sono, afluente do Paracatu.

Assim que soube da morte de Joca Ramiro, Zé Bebelo rapidamente formou em Goiás um novo exército, dessa vez composto por cinco urucuianos com seus precários rifles, e numa balsa de troncos de buriti desceu o Rio Paracatu. Vinha disposto a lutar contra os traidores, os “judas” do bando do Hermógenes. Juntaram-se com o que restou do grupo de Medeiro Vaz e Zé Bebelo assumiu então, pomposamente, o nome de Zé Bebelo Vaz Ramiro.

Tiroteio na Fazenda São Serafim, margem do Rio do Sono, tiroteio no Ôi-Mãe, mais ao norte, também no Ribeirão do Galho-da-Vida, afluente do Rio Urucuia, e pousaram em seguida na Fazenda dos Tucanos, próxima à cidade de São Romão. Nesse local foram cercados pelos inimigos, que atiraram até nos cavalos, matando-os todos. Em situação de extrema dificuldade, Zé Bebelo despachou um mensageiro com cartas às autoridades das cidades vizinhas, sugerindo o envio de soldados para dar combate aos jagunços. Riobaldo, incumbido de escrever a carta, questionou Zé Bebelo, duvidando de sua lealdade, o qual o repreendeu asperamente, afirmando que era a oportunidade que tinham de fugir assim que os soldados chegassem: A gente obra jeito de se escapar, no cererê da confusão...)

O estratagema funcionou, e no meio do fogo cruzado conseguiram escapular à noite, seguindo a pé em direção ao poente. Perambularam pelo Chapadão do Urucuia, sem rumo certo: (...) andávamos desconhecidos no errado. Riobaldo encontrava-se cheio de dúvidas quanto ao caminho a seguir, tanto no real das trilhas quanto em seus múltiplos e indomáveis pensamentos. Passava a limpo sua vida, brigando também com o que o destino estava lhe reservando. E ainda se incomodava com assuntos metafísicos, como, por exemplo, se, de fato, o Hermógenes havia feito um pacto com o Diabo, conforme diziam.

No povoado do Pubo, no vale do Paracatu, encontraram-se com os catrumanos, uma isolada e paupérrima comunidade que, sem contato com o mundo, desenvolveu quase que um dialeto, incompreensível para os outros. Passaram pela vila do Sucruíú, de localização exata desconhecida, onde grassava uma epidemia de varíola, a temida bexiga negra, que por séculos dizimou boa parte da humanidade e que esteve presente no sertão de Minas Gerais até a década de

1950.

Em um lugar fatídico para Riobaldo, chamado Veredas-Mortas, próximo ao Rio do Sono, o bando permaneceu por semanas, recuperando-se de malária e de outras enfermidades. Riobaldo decidiu enfrentar o Diabo frente a frente, sozinho, em uma encruzilhada no meio da noite, e tirar de vez a dúvida sobre sua existência: Ele não existe, e não apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido.

Imediatamente, a partir dessa experiência, que marcou para sempre sua vida, assumiu um comportamento diferente, “estúrdio”, afrontou Zé Bebelo e se impôs como chefe do bando, recebendo então o nome de Urutú-Branco. Deliberou que o grupo levantasse acampamento e partisse em direção ao norte: A virar o ar, viemos; em caminho não se descansou um dia. Agora eram os brejos da beira do Paracatu.

A várzea do Rio Paracatu ainda guarda grandes áreas de Cerrado preservadas, espera-se que para sempre, mesmo estando em mãos da iniciativa privada, já que se espalham na região algumas reservas particulares do patrimônio natural. São inúmeras veredas, nas quais vivem seu dia-a-dia onças, antas, lobos-guará, bugios, lontras, veados, tatus-canastra, tamanduás-bandeira e outros bichos. Em forte contraste, essas áreas são atualmente cercadas por imensas florestas homogêneas de eucaliptos.

A seguir, tomaram novamente a direção do Chapadão do Urucuia, cavalgando muitas léguas na direção do oeste: A gente parava no findar do Chapadão, longe no poente, segundo se ia indo, por meu comando. Passaram pelas Serras do Tatu e dos Confins e atravessaram o Urucuia no Lagamar, vau que fica próximo à cidade de Arinos. Seguiram beirando o Ribeirão da Areia, afluente da margem esquerda do Urucuia, em direção à sua nascente, no Vão-do-Ôco, grotão encostado da Serra das Araras. Ocorreu aí a deserção dos urucuianos, que tinham sido arregimentados por Zé Bebelo, com promessas de “remexer o mundo”: (...) a gente gastou o entendido..., justificaram.

Riobaldo, sem divulgar para os demais companheiros, tinha em mente ganhar o Alto Carinhanha e tentar de novo a travessia do Liso do Sussuarão. O Rio Carinhanha, que faz a divisa dos Estados de Minas e da Bahia, desce no rumo do nordeste e atinge o São Francisco pela sua margem esquerda. Na região existe hoje o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, cujo nome homenageia Guimarães Rosa. Abriga incontáveis veredas em uma área de 231 mil hectares, em terras dos municípios de Formoso, Chapada Gaúcha e Arinos, em Minas Gerais, e Cocos, na Bahia.

Também espalhadas pelo norte de Minas são várias as áreas de preservação ambiental permanente: por exemplo, o Parque Estadual Veredas do Peruaçu, com 30 mil hectares, situado no município de Januária, e o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, com 57 mil hectares e muitas grutas,

algumas com quilômetros de extensão, também no mesmo município.

Nessa segunda tentativa conseguiram transpor o Liso do Sussuarão, não sem enfrentar muitas dificuldades, em vários dias de cavalgada. Riobaldo, após atravessá-lo, foi mais uma vez preciso em seu comentário geográfico: Dali antes, a gente tinha passado o Alto-Carinhanha (...) Atacaram de surpresa a fazenda do Hermógenes, seqüestraram sua mulher e destruíram tudo que encontraram. Riobaldo se penitenciou, ao relembrar: O mal regeu. Deus que de mim tire, Deus que me negocie... À vez.

Em seguida, numa longa rota de fuga, desviaram o retorno por Goiás e o Jalapão, outro grande deserto, hoje pertencente ao Estado de Tocantins, e situado no livro a mais de 500 quilômetros ao sul do seu verdadeiro local.

Entraram na área onde é agora o Distrito Federal, e os jagunços atravessaram o atual centro da cidade de Brasília, da mesma forma que fez a Coluna Prestes em 1926, o que parece ter influenciado Guimarães Rosa a repetir o mesmo percurso na região. Algumas vezes no livro é citada a grande e visionária marcha que Luís Carlos Prestes empreendeu a cavalo pelo interior do Brasil, quando percorreu 33 mil quilômetros, semeando a esperança.

Riobaldo citou o Morro dos Ofícios, a Mata de São Miguel e a vila de Verde-Alecrim, de doce e saudosa lembrança, naquela época situados em terras goianas. Apenas o Verde-Alecrim não tem correspondência cartográfica precisa. Na seqüência, contornou a Serra das Divisões, que é a divisa de Minas com Goiás; trilhou o caminho que seguia pelo vale do Rio Paraná, mais exatamente pela margem direita do Rio São Marcos, que corre para o Paranaíba, bacia do mesmo Paraná, e logo após retornou a seu território habitual: (...) em Minas entramos, (...)

Reviu os campos do Tamanduá-tão, próximos ao Rio Paracatu, onde as veredas são mais robustas. Estava de volta ao seu velho e conhecido sertão, que era como sua casa. Hoje, o asfalto de Belo Horizonte a Brasília passa a poucos quilômetros da região descrita por Rosa, no município de João Pinheiro. Os transeuntes motorizados, necessariamente atentos à rodovia, nada sabem dos tesouros marginais ali escondidos.

Pois, então, Riobaldo partiu furioso para cima dos inimigos e obteve primeiro uma rápida vitória sobre o grupo de Ricardão, comparsa do Hermógenes. Estavam novamente na margem do Rio do Sono e prontos para a batalha final. Os “judas” não fugiriam ao combate, já que traziam prisioneira a mulher do Hermógenes, um ultraje inaceitável no sistema jagunço. O Rio do Sono, com suas autênticas e desconhecidas cataratas, ainda é piscoso e razoavelmente limpo, apesar do castigo que sofre com a mineração de diamante, que insiste em revirar o cascalho do seu fundo, mesmo que seja hoje uma prática ilegal.

O palco do último combate foi a vila Paredão, que também existe, sendo que atualmente se chama Paredão de Minas e é distrito de Buritizeiro. Nos nossos dias, ainda é quase só uma rua, o Rio do Sono passando ao fundo, tudo semelhante ao que foi descrito por Rosa nas derradeiras páginas do livro. Falta apenas o velho sobrado, fundamental no dramático desfecho do final, que não sobreviveu aos tempos. O vilarejo ainda “dormita” placidamente, desconhecendo sua importância: E eu não revi Diadorim. Aquêlê arraial tem um arruado só: é a rua da guerra. O demônio na rua, no meio do redemunho...

A batalha foi terrível, com grande tiroteio, luta corpo a corpo e muitas vítimas, entre elas o Hermógenes, morto por Diadorim, que também morreu, sob o olhar atônito e impotente de Riobaldo. Estava terminada a longa guerra, e Joca Ramiro estava vingado. Todavia, a que preço!

Quase por acaso, a partir de um breve comentário da mulher do Hermógenes, Riobaldo teve a terrível revelação sobre Diadorim: (...) Estarreci. A dôr não pode mais do que a surpresa. A côice d’arma, de coronha (...)

À procura de Diadorim – conhecendo a dor

(...) Diadorim é a minha neblina...

Riobaldo partiu então em uma grande viagem de busca por terras estranhas. Pois, primeiro, eu tinha outra andata que cumprir, conforme a ordem que meu coração mandava. Precisava desvendar o mistério Diadorim/Reinaldo. Que Guimarães Rosa desculpe, por favor, a todos que ao comentarem sua maior obra exponham segredos que ele gostaria que ficassem guardados para o leitor até o momento exato da revelação. Meio século se passou e a figura de Diadorim ganhou o mundo, assim como sua oculta identidade inicial.

Um angustiado Riobaldo procurou inicialmente por uma fazenda de nome Os-Porcos, nos gerais de Lassance, a que Diadorim tinha se referido como o local onde passou parte da infância. Lassance fica às margens do Rio das Velhas, quando este esbarra na Serra do Cabral, que o obriga a desviar o curso. Nada encontrou e tomou rumo para mais longe.

Um morador de Bocaiúva, leitor fanático de Rosa, estranhou que sua cidade, situada no meio do longo e intrincado trajeto de Riobaldo, não tenha sido citada sequer uma vez no Grande Sertão: Veredas, ao contrário de todos os municípios vizinhos. A princípio, tomou a omissão como uma desfeita à sua cidade, mas descobriu posteriormente fatos que talvez justificassem a ausência, quem sabe proposital, do nome de Bocaiúva na obra. Escutou de antigos moradores a história de um valente jagunço que apenas ao morrer em combate teve descoberta sua identidade feminina. Essa mulher guerreira teria vivido no alto da Serra do Espinhaço, em terras do extenso município de Bocaiúva, e muitos garantiram a veracidade da história.

Quem sabe Guimarães Rosa tenha se inspirado nesse relato, mas não quis identificar seu personagem com um indivíduo real? Se foi com o intuito de preservar Diadorim, estava justificada a omissão, e o bocaiuvense afirmou, afinal, que perdoou Rosa.

Outra localidade citada nessa parte da viagem de Riobaldo foi Juramento, antigamente distrito de Montes Claros, situada 40 quilômetros no sentido leste. O nome deve-se a um juramento que Fernão Dias, por volta do longínquo ano de 1680, exigiu de seus comandados, que ameaçavam se rebelar contra a férrea vontade do Caçador das Esmeraldas em prosseguir sua busca. O povoado que se formou a seguir preservou para a história o episódio, adotando o nome de Juramento.

Riobaldo resolveu ir mais longe ainda, atravessando a Serra do Espinhaço e cavalgando por terras do vale do Rio Jequitinhonha. A paisagem é diferente da do sertão, pois após passar pelos campos de altitude, atinge-se a região da Mata Atlântica, que na época ainda formava uma densa e enorme floresta.

De passagem, citou Peixe-Crú, cidadezinha que ficava na margem do Rio Jequitinhonha, próxima a Grão Mogol. Toda uma vasta área de várzea foi inundada no ano de 2006 pela represa de Irapé, que nesse trecho transformou o rio em um grande lago. A nova cidade, construída a alguns quilômetros de distância, ganhou o nome de Novo Peixe Cru. Com certeza, Guimarães Rosa apreciaria a coerência de seus moradores em manter o nome antigo, mesmo que exótico. Com mágoa, pôs na boca de Riobaldo sua revolta contra o hábito deplorável de se trocar o nome das localidades: Perto de lá tem vila grande – que se chamou Alegres – o senhor vá ver. Hoje, mudou de nome, mudaram. Todos os nomes êles vão alterando. É em senhas. São Romão todo não se chamou de primeiro Vila Risonha? O Cedro e o Bagre não perderam o ser? O Tabuleiro-Grande? Como é que podem remover uns nomes assim? O senhor concorda? Nome de lugar onde alguém já nasceu, devia de estar sagrado.

De fato, Alegres hoje se chama João Pinheiro, Cedro agora é Caetanópolis, Bagre é Felixlândia, e Tabuleiro Grande passou para Paraopeba. E mais, outros três povoados citados por Riobaldo também trocaram de nome: Brejo das Almas passou para Francisco Sá, Tremedal para Monte Azul e Brasília, pequeno município do nordeste mineiro, cedeu gentilmente, ou melhor, foi obrigado a ceder o nome para a Capital Federal quando da sua construção na década de 1950, e mudou para Brasília de Minas. Não custa quase nada trocar o nome de um lugar, pois basta para isso arregimentar alguns poderosos do momento no local, geralmente unidos por intenções bajulatórias e no mais das vezes de mau gosto. Que ninguém tenha o desprazo de propor uma mudança de nome para Cordisburgo!

No seu roteiro, ainda no vale do Jequitinhonha, Riobaldo falou de Terra Branca _ beira rio, em sua margem esquerda

— e Capelinha do Chumbo, hoje Capela dos Marques, ambas em “rededor” de Grão Mogol.

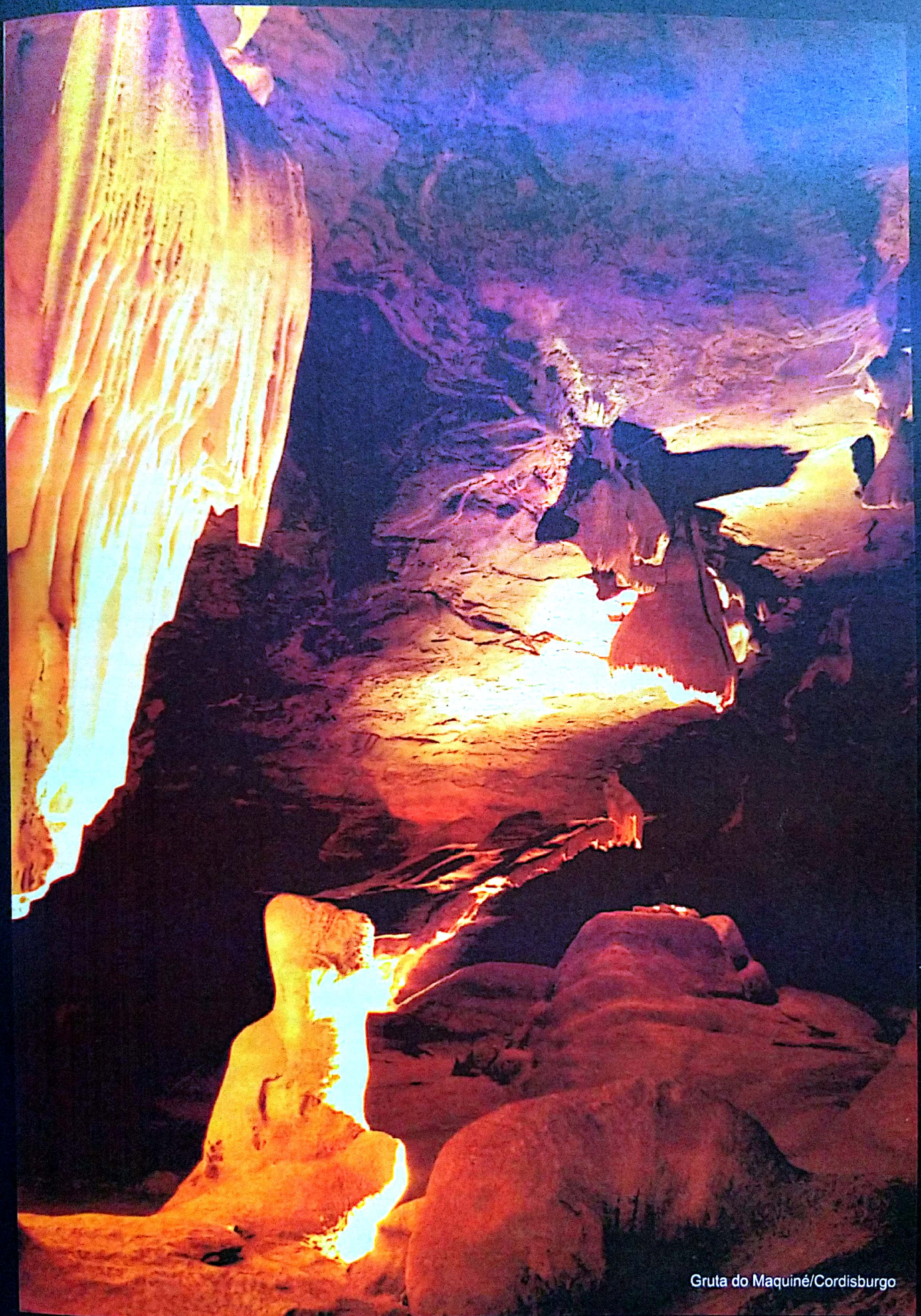
Finalmente a longa e sentimental procura encontrou uma pista na cidade de Itacambira, engravada no alto da Serra do Espinhaço, com as casas e ruas espremidas entre as pedras. O povoado foi fundado por Fernão Dias, e a montanha que cerca a cidade — que de fato brilha na época da chuva, quando o sol bate em suas lajes molhadas — teria sido a sonhada Serra Resplandecente. Segundo antigos documentos, o velho bandeirante encontrou turmalinas, que confundiu com esmeraldas, nas encostas da serra.

Na praça principal de Itacambira fica a Matriz de Santo Antônio, construída por volta de 1710 e tombada pelo patrimônio histórico. Mas essa honraria está ainda apenas no papel, e a igreja precisa urgentemente de um apoio mais efetivo, pois, inclinada para um lado, corre o risco iminente de desabar. Em seu porão, debaixo do altar-mor, ainda hoje podem ser vistas várias ossadas, já que era comum a prática

de usar as igrejas como cemitério. E, em um canto, a antiga pia batismal em madeira escavada, a despertar também súbitas e nostálgicas lembranças de vidas que já se foram.

Guimarães Rosa prestou uma homenagem especial a Itacambira, ao identificá-la como o local onde nasceu Diadorim. Será que a escolha foi por esse município fazer divisa com Bocaiúva nas terras altas da Cordilheira do Espinhaço? Talvez isso jamais seja esclarecido. Em uma frase emocionada, Riobaldo revelou sua descoberta: Em uma letreiro achei. Este papel, que eu trouxe — batistério. Da matriz de Itacambira, onde tem tantos mortos enterrados. Lá ela foi levada à pia. Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da era de 1800 e tantos... O senhor lê. De Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins — que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gôzo de amor... Reze o senhor por essa minha alma. E encerrava-se, então, a travessia do jagunço Riobaldo.





Grotto of Maquiné/Cordisburgo